

**A astrologia nos doze poemas de
“Mar Português”
do livro *Mensagem* de Fernando Pessoa**

PARTE 3 de 4

**Signos do Outono
Balança — Escorpião — Sagitário**

Vitorino de Sousa

Poema VII correspondente ao 7º signo, Balança

Ocidente

*Com duas mãos – o Acto e o Destino -
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho trémulo e divino
E a outra afasta o véu.*

*Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,
Foi alma a Ciência e Corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.*

*Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.*

Começamos por analisar o título escolhido para este sétimo poema: *Ocidente*.

Como é sabido, o sétimo signo do Zodíaco é Balança e está associado à Casa VII, cujo grau inicial se chama Descendente (por oposição à 1ª Casa, cujo grau inicial toma a designação de Ascendente). Assim, Ascendente e Descendente formam um eixo. Se o Ascendente astrológico é o grau do signo que estava a ascender no horizonte – a oriente – no momento do nascimento da pessoa, o Descendente é o grau do signo que estava a descender no horizonte – a *Ocidente* – nesse mesmo minuto.

Logo, Fernando Pessoa não poderia ter escolhido um título mais apropriado para este sétimo poema, o qual está relacionado com o ponto – a *Ocidente* – onde o Sol se põe. Deste modo, o sétimo signo e a Casa VII referem-se ao outro, à parceria, à complementaridade, na medida em que, na roda zodiacal, está em frente de Carneiro, 1º signo, arquétipo da individualidade. De um lado está, portanto, o “um” (Eu); do outro lado está o “dois” (o Outro).

E é, precisamente, por aí que Pessoa começa, dizendo: *Com duas mãos...* E prossegue, sempre colocando duas ordens de valores em paralelo, aquelas que são necessárias para realizar qualquer empresa:

Com duas mãos – o Acto e o Destino

...

Foi alma a Ciência e Corpo a Ousadia

...

Foi Deus a alma e o Corpo Portugal.

A primeira estrofe reforça bem esta necessidade de cooperação, nascida da complementaridade típica do signo Balança, onde cada uma das partes da parceria se encarrega da sua função específica:

*Uma ergue o facho trémulo e divino
E a outra afasta o véu.*

A segunda e terceira estrofes confirmam esta ideia: a segunda, diz que *a mão que desvendou* teve como *alma a Ciência e corpo a Ousadia*; a terceira, assegura que *a mão que conduziu* teve em *Deus a Alma* e no *corpo Portugal*. Por conseguinte, cada mão fez a sua parte: uma *desvendou* e a outra *conduziu*.

Noutra perspectiva, Fernando Pessoa, mais uma vez, afirma que a missão de Portugal tinha um carácter divino: *Foi Deus a alma e o corpo Portugal*. Portanto, *Deus* (a alma do projeto) ao determinar que esse desvendar fosse realizado, precisava de um *corpo* que, no mundo físico, e usando *duas mãos* hábeis e corajosas (*o Acto e o Destino*) a levasse a cabo. E escolheu as de *Portugal*.

Aquilo que os Portugueses desvendaram está referido através de duas imagens:

- 1) Um *véu* que se rasga (segunda estrofe)
- 2) *O facho que luziu* (terceira estrofe).

Esta ideia, onde se mesclam desvendamento e iluminação, é típica do ponto zodiacal chamado Descendente (*Ocidente*). De facto:

Desvendamento: é nesse ponto do *Horizonte* que o Sol se põe. É o momento a partir do qual outras realidades são desveladas, em consequência da diminuição da luz e a chegada da noite.

Iluminação: é a partir desse ponto que, visto da Terra, o Sol parte para iluminar o outro lado do mundo, até aí envolto da escuridão noturna.

Acima, a palavra *Horizonte* aparece escrita em itálico porque foi com ela que Pessoa intitulou o segundo poema desta série, aquele associado a Touro. Ora, quer Touro (*Horizonte*) quer Balança (*Ocidente*), são regidos por Vénus.

Esta entidade – também conhecida por Afrodite, a Sedutora – é a deusa quer do namoro

(fase do relacionamento em que uma *mão* se dá à outra), quer do casamento (fase do relacionamento em que, tradicional ou simbolicamente, o homem pede a *mão* da mulher). O problema é que esse “tomar da mão” é usado frequentemente para possuir (Touro) e não para compartilhar (Balança)!

Como se pode facilmente comprovar, a posse acaba por gerar outros usos da mão: a pessoa que possui poderá alçar a mão para agredir, quando se vê perante a ameaça de perda; a pessoa que é possuída poderá usar a mão para desenhar no espaço o gesto de despedida! O melhor, portanto, será manter o contacto segurando sem agarrar!

Resta lamentar que Fernando Pessoa, enquanto homem, não tenha encontrado a sua “outra mão”. As razões por que assim aconteceu são várias e complexas, e estão codificadas no seu mapa astrológico, sob a forma de um potencial. Neste caso, concretizam-se. No entanto, Fernando Pessoa tentou. O que é louvável.

Eis um excerto de uma carta que enviou à sua célebre amada Ophélia, em 1.3.1920:

(...) Se prefere a mim o rapaz que namora, e de quem naturalmente gosta muito, como lhe posso eu levar a mal? A Ophelinha pode preferir quem quiser: não tem obrigação – creio eu – de amar-me, nem realmente necessidade (a não ser que queira divertir-se) de fingir que me ama. (...) Porque não é franca comigo? Que empenho tem em fazer sofrer quem não lhe fez mal – nem a si, nem a ninguém -, a quem tem por peso e dor bastante a própria vida isolada e triste, e não precisa que lha venham acrescentar criando-lhe falsas esperanças, mostrando-lhe afeições fingidas, e isto sem que se perceba com que interesse, mesmo de divertimento, ou com que proveito, mesmo de troça? Reconheço que tudo isto é cómico, e que a parte mais cómica disto tudo sou eu.

Pela sua maneira honesta, aberta e sincera de encarar o relacionamento com Ophelinha, Fernando Pessoa parecia ter tudo para ser bem sucedido. Para que uma parceria resulte, porém, são precisas *duas mãos*.

* * *

Estas palavras, com que se inicia *Ocidente*, podem juntar-se às últimas para dar:

Com duas mãos (...) o conduziu.

Conduziu o quê? O processo de translucidez da alma, evidentemente! As duas mãos, a direita e a esquerda, podem ser entendidas como símbolos dos dois hemisférios cerebrais, o direito/intuitivo e o esquerdo/racional. A integração destas duas polaridades é um passo indispensável, para se conseguir colher a Unidade. A utilização exclusiva (se tal é possível) ou preferencial de um dos hemisférios, necessariamente concorre para o desequilíbrio.

Quem, como a maioria dos seres humanos, utiliza mais o cérebro esquerdo, acaba por se transformar num intelectual culto ou num arguto cientista; talvez seja, até, uma sumidade, um perito em análise, dedução e raciocínio. Todavia, corre o risco de, por falta da colaboração (ou estímulo) do hemisfério complementar, assumir uma postura fechada e céptica em relação à linguagem simbólica e subjetiva¹.

Por outro lado, quem privilegia o hemisfério direito em detrimento do esquerdo, poderá cair na falta de lógica, expressar-se através de um discurso vago, utópico e indefinido, o que parece ser mais grave por carecer da capacidade de integração e aplicação da riqueza dos símbolos na dimensão concreta e mensurável do quotidiano. Assim, aqui, como em qualquer outra dimensão da vida, não se trata do radical e escorpiónico “ou... ou”, mas sim de um mais saudável, conciliador e libriano “não só... mas também”.

Disto se deduz facilmente que quem quiser experimentar a verdadeira Complementaridade, não deve incorrer em radicalismos, nem deixar nada de fora. Quem conseguiu conduzir “O Carro” do seu Destino até à estação final, chamada Iluminação, decerto “com duas mãos (...) o conduziu”. Por isso é que o sétimo signo (*Balança/Ocidente*) é o arquétipo da complementaridade. Será pela mesma razão que, no Tarot, “O Carro” aparece em sétimo lugar na ordem dos 22 Arcanos Maiores?

¹ Foi para contornar esta dificuldade que Sir Arthur Conan Doyle pôs Sherlock Holmes, um grande pensador/dedutor (cérebro esquerdo) a tocar violino (cérebro direito)!

Poema VIII correspondente ao 8º signo, Escorpião

Fernão de Magalhães

*No vale clareia uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do vale vão
Subitamente pelas encostas,
Indo perder-se na escuridão.*

*De quem é a dança que a noite aterra?
São os Titãs, os filhos da Terra,
Que dançam da morte do marinheiro
Que quis cingir o materno vulto -
Cingi-lo, dos homens o primeiro -
Na praia ao longe por fim sepulto.*

*Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda comanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra interna com seu abraço.*

*Violou a Terra. Mas eles não
O sabem, e dançam na solidão;
E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do vale pelas encostas
Dos mudos montes.*

É óbvia a associação deste oitavo poema com Escorpião – o oitavo signo do zodíaco – quando se repara que o texto aborda o tema da morte, neste caso de um navegador. O ambiente que se respira ao longo das quatro estrofes é escuro, mágico, mítico, assombroso, aterrador e pesado, o que descreve perfeitamente o mundo escorpiónico. Para ressaltar essa analogia, basta recordar o mito de Plutão/Hades, que é o regente deste signo: era o deus dos mortos, das minas, dos subterrâneos e de tudo o resto que se encontra debaixo da Terra. Implacável mas justo, era a única divindade do Olimpo cuja palavra não podia ser alterada ou revogada pelos outros Deuses, nem sequer pelos seus irmãos Júpiter/Zeus e Neptuno/Poseidon.

Morte, regeneração e transcendência estão associadas a esta fase do ciclo zodiacal, porque não é possível progredir para estados de consciência mais elevados (fase seguinte, Sagitário) sem que, antes, tenha ocorrido uma profunda metamorfose, a qual, frequentemente, é vivida através de uma crise mais ou menos perturbadora. Fernando Pessoa, enquanto astrólogo e entidade altamente desenvolvida, sabia-o perfeitamente. Por isso, aborda a morte neste 8º poema e, no título do poema seguinte (correspondente a Sagitário) aplica o termo *Ascensão (de Vasco da Gama)*.

Escorpião é um signo do elemento Água (emoção, sensibilidade), relacionado com a paixão intensa, ou seja, com tudo o que é profundo. É um arquétipo telúrico, regente das entranhas da Terra e das suas convulsões. Ora, é sabido que, no nível humano, não existem maiores convulsões do que as provocadas pelas erupções emocionais que ascendem das profundezas da psique. Daí a má fama deste signo!

Poucas são as pessoas que gostam de mudar! Efetivamente, raras aceitam a impermanência de tudo o que existe manifestado neste plano físico. Contudo, qualquer crise contém uma faceta de perigo e outra de oportunidade. É claro que, quem pretende conter e represar as forças da natureza psíquica, está condenado a, mais cedo ou mais tarde, ser arrasado e “destruído”. O que é destruído, todavia, é a decisão de recusar o que deveria ser bem acolhido. O resultado é o renascimento de um novo ser. Sem este renascimento não é possível a fase seguinte, que se caracteriza pela *ascensão*. Esta profunda purificação a todos os níveis é a “função” de Escorpião e do seu regente Plutão.

A viagem à volta do mundo empreendida por *Fernão de Magalhães* – que decerto requereu um imensa paixão escorpiónica por parte do navegador – pode ser comparada com a viagem à volta ao Zodíaco. Quem quiser completar a jornada tem de predispor-se a “morrer” na 8ª fase.

O que fez Fernão de Magalhães? Como diz a quarta estrofe deste poema: *Violou a Terra*. O navegador teve o atrevimento de desvirginar a esfericidade do planeta, o maior segredo que, porventura, ele ainda escondia. Tamanha ousadia foi paga com a morte, ainda antes da empresa concluída. Plutão fez-se pagar pesadamente. Porém, com *um pulso sem corpo ao leme a guiar*, a prova foi superada!

Fernando Pessoa não esconde esta temática escorpiónica e o seu vocabulário habitual. No poema, há imensas referências que eliminam todas as dúvidas:

*Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do vale
...
Indo perder-se na escuridão.*

De quem é a dança que a noite aterra?

...
Que dançam a morte do marinheiro

...
Na praia ao longe enfim sepulto.

*Violou a Terra. Mas eles não
O sabem e dançam na solidão;*

Da mesma forma que não é possível fazer uma *Ascensão* sem que uma iniciação prévia abra as portas para os patamares superiores, também o feito de *Fernão de Magalhães* abriu, amplamente, a limitada noção que a Humanidade quinhentista detinha acerca do planeta onde vivia. Mas essa expansão de consciência, inclusivamente científica, só foi possível através do “sacrifício” do navegador. Plutão mostrou-se e Caronte exigiu o pagamento!

* * *

Este poema reflete tão perfeitamente o arquétipo escorpiónico, que resiste a não se deixar adular quando se juntam as primeiras e últimas palavras dele. O sentido essencial permanece:

“No vale (...) dos mudos montes”.

Ora, Escorpião tem excelentes relações com o silêncio! No imaginário humano, se há lugar onde reina a paz que convida ao recolhimento, à devoção, ao agradecimento e à gratidão, é *no vale nos mudos montes*. É quando nos retiramos e recolhemos, física ou mentalmente, que podemos ter a consciência do que, superiormente nos é pedido. Ou o que nós é esperado.

Vimos, no poema anterior, que tudo tem de ser conduzido *com as duas mãos*, contemplando a união das duas polaridades. Isto é, os relacionamentos são essenciais. Porém, os movimentos evolutivos não podem ser atrapalhados (e muito menos impedidos) por pessoas e coisas mundanas, umas e outras ruidosas por natureza. Há que respeitar o afastamento dos outros que caracteriza a iniciação, como foi citado, também, no poema anterior. Sem silêncio e perseverança, pouco se alcança. Mesmo correndo o risco de cair na vulgaridade, terminaria esta 8ª secção lembrando que muito melhor do que pescar um peixe, é não desistir de pescar!

Poema IX correspondente ao 9º signo, Sagitário

Ascensão de Vasco da Gama

*Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o ódio da sua guerra
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.*

*Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cai-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abismo à alma do argonauta.*

Este 9º poema é, nitidamente, a continuação do anterior, pois estamos no ponto crucial entre a 8ª e a 9ª fase do processo de evolução espiritual. Aqui, não há ligação mais estreita nem “continuidade” mais óbvia do que na ponte que liga o momento da “morte” de uma velha etapa de vida ao momento de *Ascensão* para outra etapa de dimensão superior. Uma coisa é consequência da outra. E essa ponte chama-se iniciação. Assim, tal como ao número oito se segue o número nove, também à morte (de *Fernão de Magalhães* – VIII) se segue a *Ascensão* (de *Vasco da Gama* – IX).

Os primeiros versos deste poema denunciam claramente essa continuidade, pois neles persiste o ambiente escorpíonico descrito no poema anterior:

*Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o ódio da sua guerra
E pasmam.*

Se no 8º poema o ambiente foi caracterizado por *o ódio da sua guerra* (típico do “Escorpião” comum), no 9º temos a grandiosidade e a elevação que tão bem caracterizam Sagitário. Este é o reino de Júpiter/Zeus, o deus dos Deuses, o Senhor do Olimpo e, enquanto planeta, do gigante do Sistema Solar. Pessoa refere isso logo no primeiro verso, quando nele escreve a palavra *Deuses* e a palavra *gigantes*.

Mas há, pelo menos, mais duas referências a Júpiter/Zeus, o Senhor do Raio: a primeira está no último verso as primeira estrofe:

E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões

Este verso descreve a imagem clássica de Zeus, recostado numa nuvem a fazer relampejar, para se entreter ou, simplesmente, assustar os Humanos. A segunda referência está, ainda mais nítida, no segundo verso da segunda estrofe:

Cai-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões

É interessante verificar que, ao entrarmos nos domínios do Senhor do Olimpo, a Morada dos Deuses, encontremos – pela primeira vez desde que partimos do primeiro poema – o termo *Deuses*.

A presença do signo oposto a Sagitário, Gémeos, não é muito clara, excepto se repararmos que *Ascensão de Vasco da Gama* trata, efetivamente, de uma questão relacionada com a reconhecimento da comunicação entre o que está em cima com o que está em baixo. Ora, a temática da comunicação é o fulcro do arquétipo Gémeos, regido por Mercúrio, uma entidade que, além de desempenhar o papel de Mensageiro dos Deuses, era filho de Júpiter/Zeus. Portanto, os regentes do eixo Gémeos/Sagitário estão, mitologicamente falando, ligados por laços familiares bastante estreitos.

Além disto, se Júpiter/Zeus é Senhor e pai, é conveniente que Mercúrio, enquanto filho, lhe obedeça e respeite. Astrologicamente falando, também a mente racional (Mercúrio) deve ceder perante a abrangência e a sabedoria (Júpiter).

Se nos reportarmos aos irmãos gémeos (Castor e Pólux) que formam o símbolo do signo Gémeos, verificamos que um deles era mortal (terra) e o outro era imortal (céu). Portanto, mesmo sem sair de Gémeos – o terceiro signo do Zodíaco – a mensagem permanece: porque o movimento é ascensional, o gémeo terreno tem de “morrer” para dar o lugar ao seu irmão divino, pois só assim se consegue deixar um *Padrão* (terceiro poema) nos novos territórios conquistados!

No que toca aos respectivos elementos – o Fogo de Sagitário e o Ar de Gémeos – é sabido que o Fogo sempre foi considerado um elemento de purificação. Veja-se, a título de exemplo, a queima dos livros empreendida fanaticamente pelo III (!) Reich ou a queima dos hereges durante o período da Inquisição. Assim, o Fogo, espiritualmente entendido, representa a purificação da alma, um processo feito através da combustão de todas as impurezas (fundamentalmente daquela chamada ignorância), cujo peso adia obstrui a evolução.

Quanto ao Ar, ele detecta-se claramente quando reparamos que Pessoa personificou a Humanidade na figura de um pastor que usa o sopro (ar) para tocar a sua flauta.

E por que terá escolhido Vasco da Gama para protagonista desta *Ascensão*? Decerto porque, ao poema correspondente ao signo regido pelo maior planeta do Sistema Solar, tinha de corresponder quem é considerado o maior de todos os navegadores portugueses.

* * *

Embora esta analogia possua força suficiente para encerrar a análise deste poema, ainda há mais para dizer. Vamos tentar expressá-lo através do verso agora mesmo criado com as primeiras e últimas palavras de *Ascensão*...

Os Deuses da tormenta (...) do argonauta.

Podemos perguntar: mas quem são estes deuses da tormenta do argonauta? Talvez sejam aquelas entidades que guardam e preservam o manancial de informação, assimilado durante a formação da personalidade. Todavia, quem é que não passou pela desconfortável experiência de verificar que muitos desses conceitos, ensinamentos ou diretivas, afinal, pouco ou nada têm que ver com a nossa natureza intrínseca e essencial? Quando nos damos conta disso, enceta-se um inquietante período de substituição desses falsos valores, por aqueles que vamos percebendo como intrinsecamente nossos. Refiro-me àqueles que, fruto da maturidade, só agora *ascenderam* à superfície da consciência.

Nesse rol de conceitos, ensinamentos e diretivas de carácter cultural, que pouco ou nada têm que ver com a nossa natureza essencial, incluem-se os falsos moralismos, a “perigosíssima” sexualidade, a distorcida noção de individualidade, a confusão entre independência e egoísmo, e entre piedade e compaixão, aos quais se acrescenta uma enorme panóplia de preceitos religiosos, políticos e sociais, etc.

Não queremos dizer que tudo isto seja errados; podem é não se adequar à natureza essencial da pessoa que os recebeu. Aplicamos e usamos tais coisas porque no-las ensinaram sem nos darmos ao trabalho de verificar se fazem sentido para nós ou, melhor ainda, se nos alimentam ou desgastam.

Não é fácil o trabalho de descartar esta bagagem sem arriscar a ilegalidade judicial, a marginalidade social, o isolamento fraternal, o ostracismo familiar ou a exclusão religiosa. É difícil porque tudo isso funciona como apoio para a nossa insegurança interna. Aprender a andar, suportado apenas pela firmeza das nossas pernas é uma tarefa gigantesca. Por isso mesmo, amedronta!

A prova está na frequente dificuldade e, em alguns casos, na recusa implacável, de conquistarmos autonomia. Teimamos em viver sob o jugo dessa espécie de imperialismo educacional, cujas regras aprendemos de pais, professores, educadores, catequistas, etc. Tudo isto em nome de uma moral que, por ter preferido o pecado/castigo ao longo de séculos, muito condicionou a nossa relação connosco próprios e com quem nos rodeia.